

## UM POEMA CEARENSE DE MANUEL BANDEIRA

*Sânzio de Azevedo*

Professor do Departamento de Letras Vernáculas  
da U.F.C., aluno do Doutorado em Letras da  
U.F.R.J. Da Academia Cearense de Letras.

No livro *Carnaval*, publicado em 1919, dois anos portanto depois de seu livro de estréia, que foi *A Cinza das Horas*, incluiu Manuel Bandeira uma das mais famosas sátiras ao chamado Parnasianismo (seria talvez melhor dizer Neoparnasianismo), o poema "Os Sapos", em que há referência explícita aos seguidores de Herédia, visto que

O sapo-tanoeiro,  
Parnasiano aguado,  
Diz: — "Meu cancioneiro  
É bem martelado.

Vede como primo  
Em comer os hiatos!  
Que arte! E nunca rimo  
Os termos cognatos.

O meu verso é bom  
Frumento sem joio.

Faço rimas com  
Consoantes de apoio.

.....

Clame a saparia  
Em críticas céticas:  
Não há mais poesia,  
Mas artes poéticas..."

O próprio Bandeira esclarece: "A propósito desta sátira, devo dizer que a dirigi mais contra certos ridículos do post-parnasianismo".<sup>4</sup> Realmente, embora numa das estrofes do poema faça o sapo-tanoeiro afirmar que "A grande arte é como labor de joalheiro", o que nos lembra fatalmente a celebérrima "Profissão de Fé" bilaquiana, a ironia maior, presente em alguns dos versos transcritos, está nas carapuças que, segundo confessa ainda o poeta, endereçou a Hermes-Fontes, cuja dicção oscilava entre Parnasianismo e Simbolismo, e que fizera questão de, no prefácio das suas *Apotheoses*, de 1908, explicar aos leitores que não rimava palavras cognatas, e a Goulart de Andrade, que, no poema "Forte Abandonado", em suas *Poesias* (1907), não somente usara a rima com correspondência da consoante anterior à tônica da rima, como pusera, entre parênteses, a informação: "obrigada a consoante de apoio".

Mas no mesmo livro *Carnaval*, ao lado da sátira (que é datada de 1918), incluiu o poeta alguns sonetos que, tanto pela forma como pelo tema, destoam fundamentalmente da revolução pregada naquele poema: "A Ceia", por exemplo, fala-nos bem parnasianamente de um festim na Roma dos Césares:

Junto à púrpura os tons mais ricos esmaecem.  
Chispa ardente lascívia em cada rosto glabro.  
Luzem anéis. À luz crua do candelabro  
Finda a ceia. O perfume e os vinhos entontecem.

César medita e trama o desígnio macabro.  
Quando em volúpia aos mais os olhos enlanguescem,  
Os seus, frios, fitando o irmão, lança-lo tecem,  
Honras depois, do Tibre ao fundo volutabro.

"Menipo" é outro soneto em que não podemos encontrar o poeta de "Os Sapos"; conta-nos ele a morte do filósofo grego da escola dos Cínicos, e que viveu no século III a.C.: *Menipo, o zombeteiro, o Cínico vadio, / Ia fazer, enfim, a última viagem. / Mas ia sem temor, calmo, atento à paisagem / Que se desenrolava à beira do atro rio.* Em "A Morte de Pã", falamos o poeta do desaparecimento do Paganismo, com *Aquele deleitoso, almo viver absorto / No amor da natureza augusta e familiar...*

Em artigo publicado há alguns anos, Giovanni Pontiero, após comentar cada um dos poemas a que acabamos de aludir, observa que "tais sonetos, tanto quanto qualquer outra peça da coletânea, demonstram que os poemas de *Carnaval* ainda representam um estágio de transição nas composições de Manuel Bandeira; a influência parnasiana ainda é evidente apesar de o poeta começar a se afastar de formas mais estáticas e impassíveis de expressão".<sup>8</sup>

O articulista, que vê em *Carnaval* maior unidade de tema e tratamento que em *A Cinza das Horas*, certamente não diria isso caso observasse que os sonetos citados foram compostos na primeira década do século, bem antes, portanto, do livro de estréia de Bandeira.

Alceu Amoroso Lima, num ensaio em que estuda em suas linhas gerais todo o panorama da literatura nacional, após referir-se ao livro de estréia do poeta, obra "de inspiração simbolista e intimista", assim fala do segundo livro: "Veio depois uma pequena plaqueta, *Carnaval* (1919), em que a sua inspiração já apresentava sinais evidentes da nova orientação estética, mas livre de toda a tradição parnasiana."<sup>2</sup>

O mesmo crítico, desta vez estudando mais detidamente a poesia bandeiriana, afirmaria que, nesse segundo livro do

poeta, "a marca simbolista domina e até mesmo elimina a marca parnasiana".<sup>1</sup>

É verdade que *Carnaval* traz pelo menos um poema que podemos considerar muito avançado para a época, principalmente pelo fato de ser composto em versos livres, o "Sonho de Uma Terça-Feira Gorda", e que algumas notas simbolistas se espalham por alguns versos, mas dizer que o livro está livre da presença parnasiana parece-nos um tanto exagerado, notadamente depois das transcrições que fizemos de uns poucos versos dessa obra.

Mas deixemos que fale o próprio poeta, em seu notável livro de reminiscências, que vale por um compêndio de arte poética: "Sob o pretexto de que no Carnaval todas as fantasias se permitem, admiti na coletânea uns fundos de gaveta, três ou quatro sonetos que não passam de pastiches parnasianos ('A Ceia', 'Menipo', 'A Morte de Pã' e mesmo 'Verdes Mares', que este até o Pedro Dantas, meu fã n.º 1, considera imprestável), e isto ao lado das alfinetadas dos 'Sapos'." <sup>4</sup>

Quanto ao último dos sonetos citados, "Verdes Mares", diz Giovanni Pontiero que nele, como em "A Sereia de Lenau", o poeta "revive um mundo inteiramente diverso, buscando recapturar a sensibilidade típica do romantismo e sua veneração pela natureza". <sup>8</sup>

Com efeito, há no soneto "Verdes Mares" (que é o que nos interessa neste trabalho) um mundo bem diferente daquele focalizado nos outros poemas do livro, mesmo dos outros sonetos acima referidos; é que, aqui, não se trata da descrição fria de uma cena passada na Antiguidade Clássica, e simplesmente revivida pela imaginação, auxiliada pelas informações livrescas, mas de uma experiência pessoal, realmente vivida e sentida pelo autor, se bem que traduzida em versos alexandrinos trabalhados, razão por que preferimos colocá-lo no Neoparnasianismo, longe dessa veneração romântica da natureza a que se reefe Giovanni Pontiero. Na verdade, a descrição de paisagens brasileiras nunca foi privativa de nossos poetas românticos: para não recuarmos ao Barroco,

lembrando Botelho de Oliveira, Bento Teixeira e Itaparica, nem ao Neoclassicismo, com os quadros mineiros pintados por Gonzaga, basta que se recordem alguns sonetos descritivos de Luís Guimarães e Afonso Celso, já no chamado Parnasianismo, que nos dará os versos bucólicos de *Terra Natal* e *Alma em Flor*, "impassível" Alberto de Oliveira, e quantas e quantas paisagens de Olavo Bilac, Vicente de Carvalho, Martins Fontes e outros... Mesmo no Simbolismo, Silveira Neto cantou o seu Paraná e Da Costa e Silva celebrou o seu Piauí...

O soneto "Verdes Mares", como os demais sonetos mencionados, foi escrito bem antes daquela fase de tons simbolistas que presidiu à composição da maior parte dos poemas de *Cinza das Horas*. Para sermos mais preciso, foi ele composto aqui mesmo no Ceará, no ano de 1908, quando o jovem Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho, então com vinte e dois anos de idade, peregrinando à procura de climas serranos, veio conhecer Maranguape e Quixeramobim. Era a tuberculose, a terrível enfermidade que, contraída em fins de 1904, tirando Bandeira da Escola Politécnica, onde pretendia cursar Arquitetura, haveria de acompanhá-lo pela vida afora.

Wilson Martins escreveu: "Eu tiraria toda a interpretação poética de Manuel Bandeira de um único dos seus versos, o verso final do saboroso 'Auto-retrato': 'um tísico profissional'. Um tísico profissional, um poeta profissional." <sup>7</sup> Em 1908, Bandeira certamente ainda não era nem "tísico profissional" nem mesmo "poeta profissional": o jovem pernambucano, que estreara em letra de fôrma publicando, por intermédio do escritor cearense Antônio Sales, um soneto na primeira página do *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, em 1902, ainda estava longe daquela amargura mais profunda porque mais vivida, que caracterizaria sua obra. Era apenas o início...

Num livro de poemas reunidos de Bandeira, vários figuram com as respectivas datas de composição: "Menipo" e "A Ceia" são de 1907, enquanto o poema "Os Sapos", como já dissemos, é de 1918. "Verdes Mares", porém, surge sem data,

talvez devido às alterações que sofreu, como veremos. Vazado em alexandrinos, apresenta dois trímetros (ictos em 4, 8 e 12), os versos 8.º e 14.º. Ei-lo tal como figura no livro:

Clama uma voz amiga: — “Aí tens o Ceará.”  
E eu, que nas ondas punha a vista deslumbrada,  
Olho a cidade. Ao sol chispa a areia doirada,  
A bordo a faina avulta e toda a gente já

“— Perdi a mala!” um diz de cara acabrunhada.  
Sobre as águas, arfando, uma breve jangada  
Passa. Tão frágil! Deus a leve, onde ela vá.

Esmalta ao fundo a costa a verdura de um parque,  
E enquanto a grita aumenta em berros e assobios  
Rudes, na confusão brutal do desembarque:

Fitando a vastidão magnífica do mar.  
Que ressalta e reluz: — “Verdes mares bravios...”  
Cita um sujeito que jamais leu Alencar. 3

No *Cancioneiro da Cidade de Fortaleza*, organizado por Artur Eduardo Benevides, figura o soneto, com algumas diferenças de pontuação, gralha tipográfica no verso 4.º (falta o verbo, *avulta*, numa das outras lições que conhecemos), e tendo assim o segundo verso do segundo quarteto:

— “Perdi a maleta!” um diz, de cara acabrunhada.

E assim o verso final:

Cita um sujeito que não leu, nunca, Alencar. 5

O que talvez muita gente não saiba é que esse poema apareceu em letra de fôrma, pela primeira vez, salvo engano, aqui no Ceará, onde se encontrava o poeta, em 18 de março

de 1908, estampado no jornal que Valdemiro Cavalcânti (o Ivan d'Azoff da Padaria Espiritual) fundou para fazer oposição ao governo Acióli.

Seu título não era ainda "Verdes Mares", mas "A Descer...", e trazia dedicatória a João da Cruz Saldanha; não ao monsenhor, é claro, nascido em 1853 e falecido em 1905, mas a seu sobrinho e homônimo.<sup>9</sup> Eis o poema, tal como figura no jornal fortalezense:

### A DESCER...

#### *A João da Cruz Saldanha*

Clama uma voz amiga: — "Aí tens o Ceará!"  
E eu, que das dunas tinha a vista deslumbrada,  
Olho a cidade. Ao sol fulge a praia doirada...  
A bordo arriou-se a escada e todo o mundo já

Desce. Uma moça ri, quebrando o panamá.  
— "Perdi a mala!..." — um diz, de cara acabrunhada.  
Sobre as águas, arfando, uma leve jangada  
Passa. Tão frágil! Deus a siga onde ela vá!

Esmalta, ao fundo, a costa a verdura de um parque.  
E enquanto a grita aumenta em berros e assobios  
Rudes, na confusão brutal do desembarque,

Olhando a vastidão magnífica do mar,  
Que ressalta e reluz: — "Verdes mares bravios..."  
Cita um sujeito que não leu, nunca, o Alencar!

#### *Manuel Bandeira Filho.*<sup>6</sup>

Quanto à assinatura do autor, ele mesmo haveria de informar que, em 1910, enviando poemas para um concurso da Academia Brasileira de Letras, se assinara M. Bandeira Filho, "ainda hesitante em como assinar as suas produções".<sup>4</sup> Ve-

mos pois que, antes disso, ele já usara literariamente, por extenso, o prenome com que se consagraria.

Pelo confronto das duas variantes do soneto (a do jornal cearense e a do livro de poemas reunidos), vamos concluir que, a rigor, ficaram incólumes, de uma para outra, apenas três versos: o primeiro do segundo quarteto, o segundo do primeiro terceto e o segundo do segundo terceto. Em todos os demais houve modificações, de maior ou de menor monta.

No verso primeiro, o sinal de exclamação foi substituído por um ponto (diga-se de passagem que a exclamação combinava melhor com o verbo com que se inicia o poema). No segundo verso, o verbo "ter" é substituído pelo verbo "pôr", enquanto as "dunas" cedem lugar a "ondas"; embora a primeira forma deva ser a mais próxima da realidade, há mais verossimilhança e sobretudo mais arte na segunda, onde vemos o poeta, vindo do mar, cheio da imagem das ondas, ao deparar-se com a cidade. No terceiro verso, em vez de "fulgir", surgiu o verbo "chispar", por menos vulgar, talvez, e mais apropriado. Enfim, "a faina avulta" veio conferir maior dinamismo ao verso quarto, no lugar de "arriu-se a escada". Também "toda a gente" substituiu o "todo o mundo" da primeira lição.

No verso sexto, apenas foram omitidas as reticências e uma vírgula. Não há em nenhuma das duas versões a "malleta" que aparece na variante do *Cancioneiro da Cidade de Fortaleza*, o que parnasianizava mais ainda o verso, eliminando o hiato "perdi/a". No verso sétimo, achou o poeta mais interessante falar de uma "breve" jangada, em vez de "leve". Isso porque "leve", não adjetivo, mas verbo, vai surgir no verso seguinte, onde anteriormente se pedia a Deus que "seguisse" apenas a embarcação: talvez ele achasse que a frágil jangada precisava de mais do que proteção...

No verso nono, foram simplesmente retiradas as vírgulas que destacavam o adjunto adverbial "ao fundo", enquanto, no verso décimo-primeiro, no lugar da vírgula final, surgem dois pontos.



No verso décimo-segundo, talvez por causa de "Olho a cidade" do terceiro verso, preferiu Bandeira substituir "olhando" pelo bem mais literário, à época, "fitando". Por fim, para fugir da colisão do fonema /k/ repetido, em "nunca o Alencar", foi anteposto ao verbo o advérbio "jamais", em vez do "nunca", da versão original, que lhe era posposto: contudo, não foi evitada a aproximação dos /11/ de "leu" e "Alencar", no verso final.

Se não se trata de um poema de primeira grandeza na obra poética de Manuel Bandeira, o soneto "Verdes Mares" representa uma nota de sinceridade descritiva e de depoimento pessoal entre a mitologia e os quadros históricos de sua primeira fase.

Por outro lado, sempre é agradável para nós, cearenses, verificar que o poema, escrito e publicado pela primeira vez em Fortaleza, foi submetido a tão paciente trabalho de refundição, como demonstramos, prova de que Manuel Bandeira — não obstante a opinião de Prudente de Moraes, neto, ou Pedro Dantas, seu fã n.º 1 — não queria perdê-lo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMOROSO Lima, Alceu — *Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro, Agir, 1970. (Nossos Clássicos, 100), p. 8.
2. ——— *Quadro sintético da literatura brasileira*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Agir, 1959, p. 78.
3. BANDEIRA, Manuel — *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1966, pp. 56-7.
4. ——— *Itinerário de Pasárgada*. Rio de Janeiro, Liv. São José, 1957.
5. BENEVIDES, Artur Eduardo — *Cancioneiro da cidade de Fortaleza*. Fortaleza, Ed. Clã, 1953, p. 149.
6. JORNAL do Ceará. Fortaleza, 18 mar. 1908, p. 1.
7. MARTINS, Wilson — *O modernismo*. 3.ª ed. São Paulo, Cultrix, 1969. (A Literatura Brasileira, 6).
8. PONTIERO, Giovanni — O carnaval de Manuel Bandeira. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26 mar. 1972. Supl. Literário, p. 5.
9. STUDART, Guilherme Barão de — *Dicionário biobibliográfico cearense*. Fortaleza, Tipolitografia a vapor, 1910, v.1, pp. 433-4.